

# Projeções do antigo: Horácio e Ricardo Reis

Elisete E. Ferreira da Silva

## Resumo:

Este ensaio aborda, sob o prisma da intertextualidade, a relação entre as odes de Horácio e as de Ricardo Reis. Visando à percepção dos níveis de alcance do intertexto, ressalta a questão das aproximações e dos distanciamentos verificados no processo de apropriação do texto horaciano pelo heterônimo de Fernando Pessoa.

Palavras-chave: Horácio, Ricardo Reis, odes, intertextualidade.

É comum a abordagem da questão intertextual como elemento capaz de propor a compreensão da literatura sob a perspectiva de espaço de revitalização de antigos discursos, a que os processos de releitura vêm munir de novos significados.

Horácio, o grande lírico da Antiguidade, hábil em manusear velhas formas atribuindo-lhes aspecto de inovação, e Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa, concebido na Modernidade, exemplificam, através da relação existente entre a sua poética, com bastante propriedade, a sabida capacidade que possui a literatura de inovar os discursos atuais, valendo-se de uma particular apropriação dos materiais antigos. Horácio reformulou, em sua poética, propostas estéticas e temas que marcaram a antiga lírica grega. Ele reivindica para si o mérito de ter transposto para a sensibilidade romana regras e temas previstos na tradição lírica grega. Alude à sua habilidade de transformar em obra própria "as vastas possibilidades expressivas oferecidas pelas diversas formas de memória poética" (CONTE, 1997, p. 262). Ele vangloriava-se de suas possíveis contribuições em "relação aos modelos, fazendo referências às dificuldades técnicas de transferir de uma língua a outra estruturas métricas e expressivas" (CONTE, 1997, p. 262). Portanto, em seus versos, percebe-se a presença de grandes poetas gregos, como Alceu, Safo, Anacreonte, entre outros. Em seu próprio discurso comparece, pois, a reutilização, numa forma particular e nova, de fórmulas cunhadas na poética dos modelos.

Ricardo Reis, por sua vez, busca Horácio como fonte de onde haurir a motivação a uma apropriação de temas e concepções estéticas do antigo lirismo clássico. Como afirma Jacinto do Prado Coelho (1973, p. 144-146), ao se referir às concepções que marcam a poética do heterônimo pessoano, o classicismo de Reis possui um sentido histórico-literário que "consiste no tratamento de temas típicos da literatura greco-latina, alimentada por conceitos de vida pagãos de que Reis se apropriou, e ainda no recurso a processos versificatórios e lingüísticos que evocam a poesia horaciana ou a

poesia neoclássica românica". Assim, pode-se concluir que a constada relação entre as poéticas de Horácio e de Ricardo Reis, expressões literárias estabelecidas em espaços temporais bastante distanciados, evidencia a potencialidade alcançada pelos discursos literários no sentido de incorporar em sua manifestação várias vozes, ao pronunciar aquilo que se propõe à primeira vista como unívoco.

Tal percepção não deve ter escapado ao olhar de Fernando Pessoa quando vislumbra a poética horaciana como espaço onde buscar o estilo, o pensamento, o discurso de seu heterônimo clássico Ricardo Reis. Na personalidade poética de Reis, o antigo e o moderno se interseccionam através da atualização imposta à releitura da forma e do conteúdo horacianos. Essa apropriação, por Reis, de um passado literário em sua tradição, como argumento-base da criação de seu próprio lirismo, não isentará sua personalidade poética de traços de anacronismo que evidenciam o sujeito moderno na enunciação do conteúdo antigo, reelaborado como material discursivo. Esse dado não desmerece, contudo, a *performance* poética do heterônimo, idealizado para realizar a proposta de criação de uma personalidade nos moldes do classicismo. Ao contrário, o que parece falha na forma de apropriação do material antigo é, antes, um efeito de inovação e de especificidade no processo de aproveitamento daquilo que se apresentava estocado na memória da tradição literária.

É, em grande parte, por este caminho que Reis se aproxima, pois, de Horácio tanto quanto dele se afasta como personalidade poética engendrada na Modernidade. Será justamente neste jogo de aproximações e distanciamentos que se estabelecerá a novidade horaciana em Ricardo Reis. Sua leitura do texto de Horácio ressalta, assim, a *imitatio* em sua força de atuação: o processo mimético especificando-se de modo a alcançar um maior aproveitamento das potencialidades contidas nos modelos. Em Reis, o processo mimético não se detém em sua fórmula primeira, a arte que se realiza através da direta observação da vida, mas volta-se à perspectiva da arte se valendo de seu próprio produto a fim de criar recriando, através da reutilização de materiais precedentes.

Com relação a Horácio, Reis pratica, pois, a releitura de leituras contidas em seu modelo, elas mesmas produtos segundos de uma relação com discursos anteriores. Espelhando-se em Horácio, Reis absorve do poeta latino as referências necessárias à organização da forma, dos temas e pensamentos que sustentarão a sua poética. Comparecem nos versos das odes de Reis aspectos da natureza métrica, da sintaxe, da linguagem, dos temas, das imagens e concepções acerca da existência presentes na poética horaciana, como afirma Johnny Mafra (1981, p. 140-141), ao comentar os motivos da lírica horaciana presentes nas odes de Reis:

Na verdade, a primeira leitura das suas odes parece pôr-nos em contato com a poesia latina, tanto no que diz respeito à temática quanto no que toca à forma dos versos. O leitor de Horácio sente, ao ler o poeta português, que o mundo romano está presente, com seu estilo, sua filosofia, seus deuses, seus amores, sua pedagogia.

A articulação precisa, apurada desses elementos relativos à forma e ao conteúdo lembram o princípio horaciano da necessária conciliação da *ars* (técnica) e do *ingenium* (talento) no processo de elaboração da obra (Horácio, *Arte poética*). Para Horácio, a criação em poesia não se limitava a uma questão de talento, de dotes naturais, mas implicava a necessária conciliação entre talento e técnica, efeito só alcançado através

do árduo “trabalho de lima” dos versos, para que estes, numa exata medida lapidados, alcançassem a realização de um discurso sóbrio, equilibrado em sua forma e na essência de sua mensagem. Reis, tal como seu modelo, mostra-se como um poeta de índole afeita à busca da harmonização necessária entre a forma e a idéia dos versos. Nenhum indício de desmedida marcará a sua expressão, objetivada em versos cuidadosamente elaborados, aptos a veicular a sóbria mensagem poética que prevalece em seu discurso, como demonstra a ode seguinte:

SEGURO ASSENTO na coluna firme  
    Dos versos em que fico,  
Nem temo o influxo inúmero futuro  
    Dos tempos e olvido;  
Que a mente, quando, fixa, em si contempla  
    Os reflexos do mundo,  
Deles se plasma torna, e à arte o mundo  
    Cria, que não a mente.  
Assim na placa o externo instante grava  
    Seu ser, durando nela. (PESSOA, 1985, p. 273)

Contudo, toda esta presença de Horácio em Ricardo Reis, como dito, obterá matizes próprios devido à particular leitura proposta aos versos do poeta latino pelo heterônimo de Fernando Pessoa. De maneira substancial, os temas que abordam a concepção da existência, considerada aqui em uma perspectiva temporal, correlacionada a valores morais e filosóficos, preponderantes em grande parte no estoicismo e no epicurismo, trarão, ao lado das similitudes, diferenciais importantes, os quais elucidarão o alcance da novidade do sujeito ao se apropriar do discurso horaciano.

A reutilização de materiais como o tema do *carpe diem*, tão significativo no discurso de Horácio, e o da vida como espaço breve apontará na poética de Reis uma visão que ultrapassará a proposta horaciana. Tal como Horácio, Reis se vê tocado pela incômoda consciência do efêmero, percebido como elemento inerente a todas as coisas:

Tanto quanto vivemos, vive a hora  
Em que vivemos, igualmente morta  
    Quando passa conosco,  
    Que passamos com ela. (PESSOA, 1985, p. 275)

Tudo está sujeito à finitude e em tal condição inclui-se o homem. O fato da falibilidade da existência circunscreverá a experiência do bem possível ao espaço do momento presente. Fora dos limites do imediato, tudo é ilusão e incerteza. Passado e futuro são dimensões inconsistentes do tempo, nada podendo operar no sentido da efetivação do bem do homem, como atestam estas passagens de odes do poeta latino e do heterônimo pessoano:

– prudente, o vinho cõa e, mui depressa  
a essa longa esperança circunscreve  
a tua vida breve.

Só o presente é verdade, o mais, promessa...  
O tempo, enquanto discutimos, foge:  
Colhe o teu dia, – não o percas! – hoje. (I, II; 6-8)

UNS, COM OS OLHOS postos no passado,  
Vêem o que não vêem: outros, fitos  
Os mesmos olhos no futuro, vêem  
O que não pode ver-se.

Por que tão longe ir por o que está perto –  
A segurança nossa? Este é o dia,  
Esta é a hora, este o momento, isto  
É que somos, e é tudo.  
Perene flui a interminável hora  
Que nos confessa nulos. No mesmo hausto  
Em que vivemos, morremos. Colhe  
O dia, porque és ele. (PESSOA, 1985, p. 290)

Em Reis, "colher o dia", tal como em Horácio, será a fórmula prevista de usufruto dos bens da existência. Mas em Reis esta norma existencial não se reveste, contudo, da mesma positividade percebida em Horácio, que, embora sendo pessimista perante o fato da finitude como condição imanente a todas as coisas, aborda o momento imediato como espaço em que o bem se realiza de forma transitória mas válida:

Alegre no presente, que a alma odeie  
Os cuidados futuros, e a amargura,  
Adoce-a, a rir: felicidade inteira,  
Essa não há. (II, 16; 25-28)

Mesmo também se apegando à idéia do momento presente como ponto onde colher os bens da existência, Reis, diferentemente do poeta latino, não dissocia da idéia dos prazeres do momento a incômoda consciência do efêmero, reconhecendo no próprio bem usufruído a morte que prevalece como o destino certo de todas as coisas:

Tão CEDO PASSA tudo quanto passa!  
Morre tão jovem ante os deuses quanto  
Morre! Tudo é tão pouco!  
Nada se sabe, tudo se imagina.  
Circunda-te de rosas, ama, bebe  
E cala. O mais é nada. (PESSOA, 1985, p. 277)

O usufruto do momento com o que ele possa trazer de prazer reveste-se, em Reis, de um sentido de inutilidade que não se confirma em Horácio. Para este, o momento vale a pena, ainda que todas as coisas passem e morram no fluxo intermitente do tempo.

No espaço da vida breve, a morte sempre lembrada confere à existência o sabor de discreta amargura. Em ambos os poetas não há, contudo, uma explícita exasperação frente à idéia da morte como fim certo. A apatia estóica garante a serenidade necessária, ou a pretensa calma, diante do inelutável. Neste ambiente, fórmulas existenciais vão surgindo, no universo poético das odes, como elementos capazes de prescrever a ação cabível perante o fato da falibilidade da vida. Horácio mostra-se mais positivo que Reis ao assumir e ao apontar ações que se mostram, de alguma forma, eficazes no sentido de propiciar ao sujeito a maneira de não se render, sem qualquer ganho, à idéia da precariedade da existência:

Manda que para lá te levem vinho  
Perfumes e da suave rosa as flores,  
Que só duram, brevíssimas, um dia,  
Enquanto te permitem teu estado,

A idade e as três fatídicas irmãs. (II, 3; 13-16)

O momento presente é indicado, assim, como espaço da experiência do usufruto urgente dos bens da vida; bens que se efetivam em coisas simples como o gosto do vinho, o prazer da amizade e do amor, a paz do campo, a alegria do festim.

Reis igualmente reconhece a fórmula do gozo dos bens da existência, localizados no exíguo espaço do momento, como experiência de um possível proveito da vida, mesmo perante a condição da efemeridade. Frente à caducidade das coisas, no entanto, percebe ser impossível eximir-se de amargura e desalento na atitude de "colher" do instante o bem oferecido. Nada possui um sentido válido diante da precariedade da vida. Reis, diferentemente de Horácio, é apatia e desistência, e, ao contrário do poeta latino, não prescreve fórmulas positivas de atuação perante a falha da existência. Sua conclusão sobre a condição de negatividade de que se imbuí a existência não resultará nas proposições proverbiais que, no verso horaciano, exortam ao usufruto utilitário dos bens do momento fugaz. Não se munirá tampouco do sentimento do convívio ou da visão crítica da realidade. Em Reis, nenhuma sabedoria é capaz de fazer prevalecer uma visão mais otimista e atuante com relação à vida. Sujeito isolado em si mesmo, alheio a qualquer apelo de inserção nos espaços da vida comum, Reis, em dissonância com seu modelo, não se inclui em paradigmas de moralidade, de valores éticos e de participação social. Sua poesia volta-se, portanto, a uma enunciação introspectiva que não se propõe, como a de Horácio, a veicular mensagens que ultrapassam o espaço do sujeito individual, como esclarece Dante Tringale, ao apontar as afinidades e dissonâncias que permeiam a relação existente entre as odes de Horácio e as de Ricardo Reis:

Horácio segue uma moral utilitária. Ricardo Reis afirma a inutilidade da moral e a inutilidade do útil. Nada é meio para se conseguir nada, nada tem um fim, as sombras das árvores, sem querer, nos amam. Tudo é inútil: o universo, a vida, a glória, a fama, o amor, a ciência... O útil é perda, não ganho: *e mesmo útil para nós perdemos*. (TRINGALE, 1995, p. 53)

Estas similitudes e diferenças no trato dado às propostas do texto horaciano em Reis vêm reforçar a idéia do rendimento alcançado pelo heterônimo pessoano na sua forma de apropriação do texto do poeta latino, confirmando, assim, o fenômeno intertextual como mecanismo gerador de possibilidades expressivas surpreendentes, à medida que revela a novidade do sujeito ao reutilizar os materiais contidos em fontes precedentes. O diálogo intertextual confirma que a memória do texto sobrevive na literatura como fonte perenemente emanadora de criação, a conferir ao já pronunciado a voz de um novo discurso.

Abstract:

This essay examines the relationship between Horace's odes and Ricardo Reis's ones. By intending to give the perception of the levels of the intertext can reach, it points out the similarities and the differences found in the appropriation process of Horace's text by the heteronymy of Fernando Pessoa.

Keywords: Horace, Ricardo Reis, odes, intertextuality.

#### Referências

ACHCAR, Francisco. *Lírica e lugar-comum: alguns temas de Horácio e sua presença em português*. São Paulo: Edusp, 1994.

COELHO, Jacinto do Prado. *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. Lisboa. Editorial Verbo, 1973.

CONTE, Gian Biaggio. *Letteratura latina*. Firenze: Le Monnier, 1997.

HORÁCIO. *Arte poética*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1984.

*Odes e epodos*. Trad. Bento Prado de Almeida Ferraz, org. Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MAFRA, Johnny José. Motivos da lírica horaciana e a poesia de Ricardo Reis. *Ensaio de Literatura e Filologia*, Belo Horizonte, v. 3, p. 139-152, 1981.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

TRINGALE, Dante. *Horácio, o poeta da festa: navegar não é preciso*. São Paulo: Ed. Musa, 1995.